

DESIGN PARA A LONGEVIDADE COM QUALIDADE: PROPOSTA DE MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO

Vera Maria Marsicano Damazio

vdamazio@puc-rio.br

Luiza Beck Arigoni

luizaarigoni@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O envelhecimento e o aumento de expectativa de vida da população vêm reconfigurando pirâmides etárias em todos os países do planeta, assim como economias, formas de comportamento, práticas culturais, modelos de saúde e visões sobre o público sênior e suas demandas.

O envelhecimento humano é um processo complexo, multifacetado e estreitamente relacionado aos hábitos, condutas e contextos sociais, econômicos e culturais de cada indivíduo. É, também, sinônimo de mudanças, na medida em que o passar dos anos traz alterações na aparência, estrutura e funcionalidade do corpo para todos, em maior ou menor grau. Elas podem acontecer gradativamente e sem trazer impactos importantes na realização de atividades e participação social, ou de forma repentina e causar deficiências e incapacidades (WHO, 2015).

Frente a um mundo cada vez mais velho e longevo, cresce a formulação de conceitos tais como envelhecimento bem-sucedido, envelhecimento ativo e envelhecimento saudável, entre outros, definindo o que é e como deve ser mensurado um bom envelhecimento (ILC, 2015; UNFPA, 2012; WHO, 2015). Cresce, também, o número de áreas do saber e das atividades humanas, abordagens, perspectivas

teóricas, formas de intervenções, iniciativas privadas e políticas públicas voltadas para a promoção da longevidade com qualidade.

Neste cenário, outros campos além das ciências e práticas médicas voltam suas atenções para o público sênior e sua qualidade de vida. E o Design é um deles.

De forma precisa e abrangente, o prêmio Nobel em Economia Herbert Simon definiu o Design como “a elaboração de cursos de ações com o objetivo de mudar as situações existentes para outras mais preferíveis” e contrapôs “como as coisas são” e “como as coisas podem ser” (SIMON, 1981, p.193). Recente e inédito como os fenômenos demográficos do envelhecimento e longevidade, o Design deu seus primeiros passos nos primórdios da Revolução Industrial e hoje se desdobra em distintas abordagens com o propósito de buscar soluções concretas para as necessidades do indivíduo e da sociedade: das mais requintadas às mais urgentes e vitais.

O presente trabalho é parte de investigação inserida no campo do Design Social, cujo objetivo foi compreender as alterações de funcionalidade decorrentes do envelhecimento e elaborar norteadores para a atuação do Design em prol da longevidade com qualidade (ARIGONI, 2017). Ele apresentará dois dos métodos de pesquisa de campo criados com o fim de compreender experiências vivenciadas por idosos, relacionadas ao uso (ou não) de objetos de auxílio para locomoção.

Tal como define a *Bloomsbury Encyclopedia of Design* (COUTO & DAMAZIO, 2015), o Design Social abrange ações projetuais voltadas para a busca de soluções para desafios sociais complexos e preocupações globais como a identificação e atendimento das demandas do público sênior. Além da compreensão profunda dos grupos envolvidos, essa abordagem requer o uso de métodos colaborativos, empáticos e que promovam a troca de conhecimentos e a experiência de estar “no lugar do outro”. A condução de suas ações está pautada no respeito à diversidade e às diferenças individuais e ocorre não somente “para”, mas “com” e “junto” às pessoas.

METODOLOGIAS DE CAMPO

Rossmann e Rallis (1998) explicam que a pesquisa qualitativa: (1) ocorre em cenário natural; (2) usa métodos múltiplos, interativos e humanísticos; (3) é emergente, e não estritamente pré-configurada; e (4) fundamentalmente interpretativa.

John W. Creswell (2007, p.186-187) acrescenta que, além de ver “os fenômenos sociais holisticamente” e usar “raciocínio complexo multifacetado, interativo e

simultâneo”, o pesquisador deve adotar “uma ou mais estratégias de investigação como um guia para os procedimentos no estudo qualitativo”. O autor atenta que:

O pesquisador qualitativo reflete sistematicamente sobre quem é ele na investigação e é sensível à sua biografia pessoal e à maneira como ela molda o estudo [...] O eu pessoal torna-se inseparável do eu pesquisador. Isso também representa honestidade e abertura para pesquisa, reconhecendo que toda investigação é carregada de valores (CRESWELL, 2007, p.187).

O entendimento de que a identidade do pesquisador é (1) peça fundamental no processo de desenvolvimento de uma investigação, (2) concorre para a construção de seu objeto e métodos, e (3) interfere em seus rumos e resultados é amplamente aplicado nos estudos de orientação antropológica e materializado em textos, menos ou mais intimistas, que sublinham aspectos de sua personalidade e vida pessoal (ABU-LUGHOD, 1986; ALMEIDA, 2000).¹

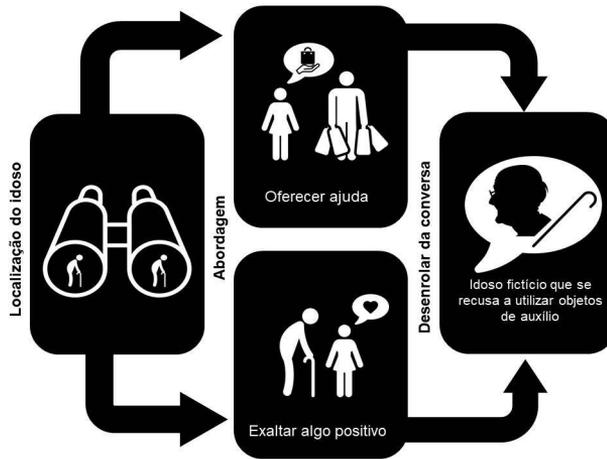
Ambos os métodos apresentados a seguir foram aplicados no ambiente urbano, mais especificamente nos bairros de Botafogo, Copacabana e Gávea, da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. As experiências e relatos levantados foram registrados em um diário de campo para posterior análise e interpretação.

DO QUE VI E OUVI

O primeiro método partiu da constatação de que as ruas da Zona Sul do Rio de Janeiro são bastante frequentadas por idosos, e ambiente especialmente rico para observação de situações relacionadas à mobilidade, realização de atividades e participação social. Esse método constituiu-se de observação em contextos cotidianos e conversas espontâneas e das seguintes etapas: (1) localização de idosos no espaço urbano; (2) abordagem, realizada a partir de uma das duas estratégias: oferecer ajuda ou exaltar algo positivo; e (3) desenrolar de conversa a partir do relato de um parente ou amigo idoso fictício que, apesar de restrições de mobilidade, se recusa a utilizar recursos de auxílio à marcha como andador, bengala ou muleta (Figura 1).

¹ No livro *Veiled Sentiments*, a americana Abu-Lughod expõe as razões que levaram seu pai, de origem árabe, a acompanhá-la em sua primeira visita de campo e apresentá-la como filha ao grupo que pretendia estudar. A autora destaca o quanto esse fato, aliado à sua condição de mulher, solteira e “meio” árabe, influenciaram os rumos de sua pesquisa. Já o português Miguel Vale de Almeida, em seu livro *Senhores de si*, confidencia que sua vida pessoal pesou na escolha de um campo perto de Lisboa e, ainda, que seu estatuto de homem e solteiro dificultou seu acesso ao mundo feminino.

Figura 1 – Esquema das etapas do método de pesquisa de campo.



Fonte: as autoras.

O objetivo do método foi obter relatos sobre sentimentos e comportamentos que envolvem a funcionalidade e a necessidade de recursos de Tecnologia Assistiva.² Foram feitas em torno de 20 tentativas de aproximação. A abordagem a partir da exaltação de algo positivo foi mais eficiente. No entanto, houve dificuldade para que o diálogo fosse mantido e passasse a questões em torno da funcionalidade, pois a conversa se esgotava logo após o elogio. A menção a pessoas fictícias com mobilidade reduzida se mostrou produtiva nesse sentido, pois fazia com que os interlocutores lembrassem e relatassem espontaneamente histórias de familiares e conhecidos. As oito aproximações mais relevantes são descritas a seguir:

A uma distância significativa, uma senhora carregava uma grande sacola, que contrastava com seu tamanho e fazia com que seu corpo se curvasse para o lado para equilibrar o peso. Uma moça ofereceu ajuda e ela educadamente rejeitou. Fui aproximando-me naturalmente, pois seu andar era lento. Ofereci ajuda e ela, provavelmente arrependida da primeira recusa, aceitou. Fomos, cada uma segurando uma alça da sacola, em direção a um brechó beneficente do bairro de Botafogo. Ela levava roupas para doação, caprichosamente dobradas, como fez questão de mostrar. No trajeto percorrido, conversamos sobre as calçadas estreitas, comuns ao bairro, e o fluxo volumoso de pedestres, que dificultavam nossa passagem. Muitos

² “Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social” (BRASIL, 2009).

caminhos da cidade do Rio de Janeiro são pavimentados com a técnica de pedras portuguesas, um legado da colonização lusitana. A recorrente falta de manutenção, contudo, deixa o caminho irregular e com pedras soltas. Também comentamos sobre os riscos de tropeços e quedas, especialmente por pessoas com mobilidade reduzida, como os idosos. Ao chegar ao brechó, a senhora apresentou o espaço e o trabalho ali desenvolvido. Era visível o orgulho do seu engajamento na causa. Encontramos com uma amiga com a qual ela havia combinado de tomar um café nas redondezas. Ela agradeceu a ajuda, eu agradei por ela ter me apresentado o lugar e nos despedimos.

Em uma praça de Botafogo, percebi um aglomerado de senhores jogando cartas. Aproximei-me de um grupo de oito idosos: quatro jogavam e quatro assistiam. Perguntei se estava acontecendo algum campeonato e eles me contaram que se reuniam ali diariamente, para jogar “sueca”. *“Só veterano, acima dos 80!”*, disseram orgulhosos. Correspondi à empolgação, elogiando a reunião. A maioria voltou suas atenções ao jogo, mas um deles continuou a conversa e me apontou o *“mais experiente”*. *“Não o melhor!”* – fez questão de ressaltar, provocativo – *“É o que joga há mais tempo, desde 1922!”*. Meu interlocutor passou a explicar as regras do jogo. Falei de um suposto avô, que gostava de jogar cartas também, mas que estava precisando de bengala e por isso não saía mais de casa. Não consegui reações sobre o relato, mas aprendi as regras básicas da sueca e, quando me despedi, ouvi um afetuoso *“Traz o vovô pra jogar com a gente!”*.

Percebi, em meio a um número significativo de passantes, uma senhora usando um andador. Caminhava lentamente, mas com passos firmes. Pedi licença e elogiei o andador, comentando que nunca havia visto um igual. Perguntei se ela o usava há bastante tempo e se gostava. *“Já uso há quatro anos e gosto muito. Ele me dá independência!”*, respondeu. Foi presente dos filhos e substituiu o modelo mais básico, que havia estragado rapidamente com as más condições das calçadas. Ela apresentou o andador, com sistema de freios, espaço para guardar volumes e tampa que serve como assento. Agradei pelas informações e a simpatia, e ela respondeu: *“Eu que te agradeço!”*. Despedimo-nos. Minutos adiante, nos reencontramos no supermercado. Comentei que era muito legal ver alguém tão orgulhoso do seu andador. Mencionei uma suposta amiga da família, que precisava e não aceitava usar. *“É vergonha!”*, exclamou, contando sobre amigas que precisavam, não usavam e tinham vergonha do andador que ela usava. Contou que quando a convidavam para passear, respondia *“Eu vou, mas vou levar o ‘meu banquinho’!”*. Comentou que ia comprar um pote de sorvete e não precisaria carregar o peso, pois levaria no guarda volume do andador. Contou que a filha brincava que quando precisava

comprar coisas pesadas, a convidava, para usar seu andador para carregá-las. Despedimo-nos novamente. Na saída do supermercado, levantei minhas sacolas e disse sorrindo *“Estou com ‘invejinha’ do seu andador!”*. Ela respondeu prontamente *“Põe as compras aqui! Vamos conversando!”* e amarrou cuidadosamente as alças das minhas sacolas na estrutura de metal. Fomos juntas até o portão do seu prédio. Na despedida ela recomendou, orgulhosa: *“Conte que uma senhora de 88 anos carregou peso para você!”*.

Percebi, saindo de uma agência bancária, uma senhora carregando um grande guarda-chuva. Chamou a atenção, pois o dia estava ensolarado. Ela o utilizava como apoio, com uma tampa de garrafa de água encaixada na ponta. Observei o quão arriscado era utilizar aquela adaptação, cuja ponteira oferecia uma área de contato pequena e instável: Um substituto inadequado para uma bengala, mas um bom pretexto para a abordagem. *“Diferente a sua bengala!”*, disse, aproximando-me. Ela riu e espontaneamente contou o quão preocupada, sua filha ficava por ela não usar uma bengala de verdade. Perguntei o motivo. *“Eu me deprimos”*, respondeu, reflexiva, acrescentando: *“Mas uma hora vou ter que assumir”*. Assim, encerrou o assunto e nos despedimos.

Avistei uma senhora utilizando uma muleta canadense no braço direito e fiquei a acompanhando à distância, para tentar entender o porquê de não ser uma bengala. Ela andava lentamente e foi diminuindo o passo, tateando a parede ao seu lado esquerdo, até parar. Perguntei se precisava de ajuda e ela respondeu que queria atravessar a rua, mas estava receosa, mesmo com o sinal fechado para os veículos. Ofereci meu braço. Observei que a muleta lhe dava mais estabilidade, pois além do apoio na mão, o modelo oferecia sustentação na parte de trás do braço, logo acima do cotovelo. Ela foi me contando a razão de seu medo: como caminhava lentamente, os motoristas nem sempre tinham paciência, especialmente motociclistas e ciclistas, que com maior frequência desrespeitam sinais vermelhos. Concluiu, acrescentando que *“sempre aparece um anjinho para ajudar”*, e despediu-se entre bênçãos e agradecimentos.

Parada diante de uma vitrine em Copacabana, observei uma senhora que se apoiava em uma bengala. Ao me aproximar, percebi a delicada estampa floral e a empunhadura de madeira. Elogiei a bengala, perguntando onde a havia comprado. Ela citou alguns lugares, mas alertou: *“Não é muito resistente. Comprei porque era bonita e tinha uma festa!”*. Ela voltou a observar a vitrine e entendi que o assunto havia terminado. Agradei a informação e nos despedimos.

Sentada à mesa de uma lanchonete, vi uma senhora segurando uma bengala estampada. Era o mesmo modelo usado pela idosa que encontrei anteriormente,

mas com estampa mais chamativa. Elogiei a bengala, que combinava com o casaco que vestia e perguntei onde a havia comprado. Mencionei uma suposta avó que precisava, mas não aceitava usar bengala, e que talvez aceitasse um modelo com uma estampa bonita. Ela contou que tinha amigas que precisavam e não usavam, mas que preferia usar a ficar em casa, segundo ela “*se entristecendo*”. Perguntou sobre mim, e quando mencionei que era designer e fazia mestrado, sorriu “*Então foi por isso que você reparou!*”. Agradei a simpatia e a informação e nos despedimos.

Ao entrar em um ônibus, avistei uma senhora sentada ao lado da sua bengala. Era um veículo sem escadas, de piso baixo e quase na altura da calçada. Ao chegar ao seu destino, a senhora parou à porta por uma fração de segundos e gritou para as pessoas que estavam na rua “*Alguém me ajuda!*” – Todos nos assustamos – “*Eu não consigo descer!*”. Levantei rapidamente, mas alguém do lado de fora do veículo a ajudou. Foi tudo muito rápido e inusitado.

A partir das aproximações, pôde ser percebido que os idosos estão ocupados nas ruas e que, por mais que estivessem dispostos a conversar brevemente com alguém que não conheciam, demonstravam logo querer voltar à realização das suas atividades e participação social.

DO QUE VIVI

O segundo método da pesquisa de campo foi concebido com propósito de causar estranhamento, curiosidade, questionamento e favorecer conversas e relatos. Ele consistiu no uso de um andador *rollator* por parte da jovem pesquisadora em situações cotidianas, a partir da seguinte dinâmica: (1) deslocamento com o andador no ambiente urbano da Zona Sul do Rio de Janeiro, com base na suposição de que a população carioca interage com desconhecidos nas ruas; (2) caminhada em ritmo normal, enfatizando a ausência de limitação de mobilidade, empurrando-se o andador e fazendo-se uso de suas funcionalidades extras; (3) no caso de questionamentos sobre o uso de suporte para locomoção sem necessidade, o andador seria apresentado como objeto útil, questionando-se, em seguida, as razões pelas quais ele não deveria ser utilizado; por fim, (4) não seriam tiradas vantagens da condição de vulnerabilidade normalmente associada ao uso de um andador, como por exemplo, uso de filas preferenciais.

A escolha do andador se deu por ser um recurso assistivo majoritariamente utilizado pelo público sênior, e teve por fim enfatizar o contraste entre o produto e uma jovem, sem problemas de mobilidade ou deficiência. O modelo foi selecionado por suas características aparentemente úteis para a realização de tarefas cotidianas:

quatro rodas, com dianteiras girando 360°; sistema de freios nas rodas traseiras; assento e cesta para objetos; estrutura dobrável; 63 centímetros de largura, 62 de profundidade e altura ajustável entre 78 e 89 centímetros. Ademais, os andadores de quatro rodas não são tão conhecidos quanto os de quatro apoios fixos, o que poderia ser mais um fator a instigar a curiosidade e diálogos.

Figura 2 – modelo de andador rollator usado na pesquisa de campo.



Fonte: as autoras.

Na maioria das vezes em que o andador foi usado, foram enfrentadas dificuldades físicas ou situações embaraçosas. Esses transtornos frequentemente desviavam a atenção da pesquisa de campo e das reações das pessoas, pois o sentimento dominante era o de constrangimento. Em contrapartida, ficaram evidentes questões pertinentes ao campo do Design, como o fato de muitas vezes a minha mobilidade ter sido reduzida por um objeto projetado com a intenção de favorecê-la.

O espaço urbano apresenta inúmeros obstáculos para a mobilidade e, conseqüentemente, para a independência de parte da população idosa. Por outro lado, a atenção de pessoas que de alguma forma ajudaram, foi uma surpresa agradável e amenizou algumas das barreiras impostas pelo ambiente físico. Os relatos a seguir trazem as experiências mais significativas vivenciadas com o uso do andador:

Os primeiros passeios

Senti dificuldades para andar nas calçadas estreitas de Botafogo. A subida e descida de degraus e meios-fios, e mesmo a passagem por desníveis na calçada criavam situações adversas. Percebi que as rodas da frente não são nada confiáveis nesses momentos. Elas giram livremente e dobram ao encostar o chão, desestabilizando andador e usuário. Com o passar do tempo, fui percebendo que teria maior estabilidade se levantasse todo o andador ao invés de incliná-lo. Por outro lado, o objeto não é leve. As pedras portuguesas e a má conservação de alguns passeios geram trepidações que, com o tempo, fazem doer os braços e as costas.

Em uma calçada muito estreita, com mureta de proteção ao lado da rua, percebi um grupo de cinco pessoas vindo em minha direção. Fui diminuindo o passo para que passássemos todos confortavelmente. Uma menininha, de cerca de seis anos vinha à frente. Ela parou no meio do caminho, me observando. Passei lentamente por ela, que passou a mão no andador e exclamou, com empolgação *“Legal!”*. Segui, rindo com tamanha espontaneidade, imaginando como estariam se sentindo os pais, e refletindo sobre o momento da vida em que deixamos de nos fascinar pelo diferente e passamos a ser influenciados e reproduzir preconceitos e estigmas.

Passeios no transporte público

Atrasada, fui até um ponto de ônibus. Tentava apressar o passo, mas o andador me deixava muito mais lenta. Pedi ao motorista para que abrisse a porta de trás do ônibus, pois não conseguiria passar pela roleta, e avisei que pagaria tão logo entrasse. Já estava cansada e, por causa do calor extremo, com menos força para subir o andador pelas escadas. Um senhor ajudou, puxando o objeto para dentro do ônibus. Não era um veículo acessível. O andador ocupava toda a largura do corredor. Com dificuldade, consegui levá-lo para a parte de trás do ônibus, liberando o máximo que pude a passagem até a porta. Em contrapartida, bloqueou totalmente o acesso aos cinco bancos do fundo do ônibus e aos quatro, nas laterais do corredor. Sentei-me em um desses assentos, ao lado do andador. Pelo menos um passageiro teve que pular por cima para descer. Pedi desculpas a algumas pessoas pelo transtorno que estava gerando. Elas não reclamaram, mas também não se mostraram compreensivas com a situação. Estavam preocupadas em entrar e sair do ônibus a tempo de cuidar dos seus afazeres. Foi muito constrangedor e cansativo. Sabia que era uma experiência importante para a investigação, mas me culpei por não ter feito o percurso de táxi, pagando mais, mas perturbando menos as pessoas. No retorno para casa, me senti afortunada ao me deparar com

um ônibus acessível. Posicionei o andador no espaço para cadeira de rodas, ativei o sistema de freios e sentei-me no banco retrátil ao lado. Foi uma viagem reconfortante e sem constrangimentos, comparada à primeira traumática experiência. Mas também sem comentários.

Em outra experiência, o motorista abriu a porta de trás em um ônibus em que a parte de acessibilidade se localizava no meio do veículo. Encontrei-me em situação semelhante à primeira experiência: constrangida por estar bloqueando o corredor e a porta de saída, cansada e até com hematomas por conta das freadas e aceleradas bruscas do veículo e das tentativas, sem sucesso, de mover o andador para o espaço reservado para cadeiras de rodas. As pessoas seguiram cuidando das suas vidas, sem esboçar nenhuma reação, exceto pelo esforço para passar pelo andador. Passaram-se três pontos em que o veículo parou para que passageiros descessem sem que eu conseguisse mover o andador, nem sentar. Espremia-me contra os bancos a cada vez que alguém se direcionava para a porta, tentando – em vão – facilitar a sua passagem. Um passageiro idoso percebeu que eu não conseguiria me livrar daquela situação sozinha e, sem falar nada, levantou do seu assento, ergueu o andador acima da altura dos bancos e o levou até o espaço para cadeiras de rodas. Agradei, comentando sobre como estava constrangida e sem muitos comentários, ele se mostrou impaciente com a insensibilidade do motorista e falta de acessibilidade do veículo. Sentei-me no banquinho retrátil, incomodada por mais uma vez ter transtornado a viagem alheia, e pensando sobre a ironia de ter sido ajudada por um idoso quando pessoas de todas as idades me cercavam.

Em mais uma situação, na entrada para a estação de metrô de Botafogo, encontrei apenas escadarias e escadas rolantes em direção à rua. Levantei o andador e desci lenta e cuidadosamente, com receio de cair. Ao comprar o bilhete, percebi que não conseguiria passar nas roletas. Perguntei ao segurança como deveria fazer para passar, e ele abriu um portãozinho ao lado das catracas. Ele ficou preocupado e perguntou se eu conseguiria descer as escadas que levam aos trens. Confirmei e agradei. Por sorte, o trem estava vazio. Fiz questão de sentar longe dos assentos preferenciais, com o andador na minha frente. Ele ocupava praticamente metade do corredor. Olhares curiosos, mas nenhum comentário. Na estação final, o segurança abriu o portão ao lado das catracas, e sugeriu que eu usasse o elevador exclusivo para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. Agradei, dizendo que não tinha nenhuma deficiência e experimentei as escadas rolantes, posicionando as rodas dianteiras no degrau à minha frente e subi tranquilamente. Aparentemente, meu experimento ora gerava curiosidades silenciosas, ora a percepção de que eu tinha alguma deficiência.

Realizando tarefas cotidianas

Cheguei à universidade muito cansada depois de mais uma difícil experiência com meu andador no ônibus. Entrei no elevador e me sentei no banco. O ascensorista perguntou se eu tinha algum problema nas pernas e eu respondi que não, mas não tive condições físicas ou psicológicas para fazer o discurso planejado. O andador era, claramente, um estorvo. Comentamos sobre como a cidade não está preparada para o uso de um objeto desses e que se para mim era difícil utilizá-lo, como haveria de ser para pessoas idosas e/ou com alguma deficiência.

Entrando em uma agência bancária, tive dificuldade para abrir a pesada porta. Estava com o andador na minha frente, tentando alcançar e empurrar a porta com o braço direito, por cima do dispositivo, e ainda manobrá-lo com o braço esquerdo. Utilizei o caixa rápido normalmente e, na saída, um senhor fez questão de abrir e segurar a porta para mim. Entendi que nesse tipo de situação eu devo andar para trás, empurrando portas com as costas. Também percebi que o uso de um andador por uma jovem não gerava estranhamento, como supunha inicialmente, mas a certeza de que eu precisava de ajuda.

Peguei uma longa fila para acesso aos elevadores de um centro médico. Fiquei um pouco constrangida ao entrar no elevador, pois o andador tirava espaço que poderia ser ocupado por uma ou duas pessoas que permaneceram na fila. Na saída do consultório, encontrei um senhor idoso de aparência bastante frágil, em uma cadeira de rodas, com duas mulheres, e que imaginei serem filha e esposa, esperando pelo elevador. Elas ficaram curiosas e perguntaram o que era aquele modelo de andador. Mostrei-lhes as funcionalidades e elas ficaram bastante interessadas. Lamentaram, porém, que dada à fragilidade do idoso, ele não conseguiria utilizar aquele modelo. Em um dos andares, um casal com dois filhos adolescentes entraram no elevador. Passados alguns minutos, todos tentavam segurar risos. Em determinado momento, o pai ficou me encarando, contendo um sorriso. Já me sentia desconfortável por estar ocupando mais espaço do que o comum com o andador, e me senti muito incomodada.

Fui ao mercado e coloquei minhas compras na cestinha do andador. Na fila de espera para atendimento nos caixas, sentei na banqueta do andador, esperando instigar conversas, mas a estratégia não funcionou. A cada vez que a fila andava, eu precisava levantar, pois não alcançava os pés no chão para movimentá-lo. No caminho para casa, avistei uma senhora carregando uma sacola volumosa. Ofereci-me para carregar o peso. Ela mostrou que o conteúdo era leve e agradeceu. Ficamos, lado a lado, esperando o sinal abrir para atravessar a rua. Depois de segundos em silêncio, ela não se aguentou e perguntou: *“Mas isso não é pra você?!”*. Falei que

era sim, e mostrei como o andador estava me ajudando a carregar as compras. Impressionada, concluiu: *“Se a minha irmã não fosse tão teimosa, eu daria um desses para ela!”*. Falou que a irmã, idosa e *“praticamente cega”*, não aceitava nenhum tipo de ajuda e vivia tropeçando pelas ruas. Passamos em frente à sua casa e nos despedimos.

Em outra ida ao supermercado, fiz questão de comprar um pacote de cervejas *longneck*, esperando provocar curiosidade e conversas, mas não aconteceu. Percebi que não passaria no estreito corredor de acesso ao caixa. Tirei a cesta com as compras, coloquei sobre o balcão e fiz a volta nos caixas para que, depois de registradas as mercadorias, eu pudesse colocá-las novamente no andador.

Ao chegar à frente do meu prédio, parei, esperando para atravessar a rua. Olhei na direção do trânsito e flagrei uma moça que recém havia passado por mim, virar a cabeça, me observando com curiosidade. À porta do meu prédio, larguei o andador para pegar minhas chaves e um vizinho que vinha atrás, se adiantou: *“Eu abro para a senhora!”*. Surpreendi-me por ter sido chamada de senhora por alguém com pelo menos o dobro da minha idade. Fiquei imaginando se a imagem do andador teria sido associada automaticamente a de uma pessoa mais velha ou se uma provável deficiência da usuária de tal produto pedia maior cortesia.

Figura 3 – Uso do andador para carregar compras de supermercado.



Fonte: as autoras.

Eu acreditava que a cesta seria um facilitador nas idas ao supermercado, para carregar os produtos mais pesados. Na prática, descobri que com mais peso, o andador era ainda mais complicado – senão arriscado – de ser conduzido em calçadas mal-conservadas, meios fios e degraus.

Algumas vezes passei acompanhada de amigos e do andador, a este ponto carinhosamente apelidado de “Johnny Walker”. Em todas as vezes, eles pediam para conduzir o andador. Os mais espirituosos, inclusive, empurravam uns aos outros sentados na banquetta. Foi interessante perceber a carga de estigma se desfazendo, enquanto as pessoas se familiarizavam e resignificavam aquele objeto. Em uma dessas ocasiões, combinei um passeio com um casal de amigos por Copacabana. Eles me encontraram entre risos, e logo passaram a notar o quanto as outras pessoas ficaram olhando enquanto caminhávamos. Segundo minha amiga, um homem ficou observando “*com cara de quem está tentando entender*”, e pareceu ainda mais confuso quando ergui o andador, sem esboçar dificuldade de mobilidade ao subir um meio fio.

Figuras 4 e 5 – resignificação do andador



Fonte: as autoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para além dos dados censitários e inversão das pirâmides etárias, o envelhecimento e longevidade populacionais estão remoldando o entendimento sobre a velhice como a fase da vida de perdas, declínios, doenças e improdutividade e seus protagonistas como um grupo uniforme, vulnerável e sem perspectivas.

Em seu livro *A Velhice*, considerado o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos, Simone de Beauvoir (1990, p.345) esclarece que a velhice é um fenômeno biológico, psicológico e também existencial, a exemplo de todas as situações humanas. A velhice é vivida de maneira variável, sendo “impossível encerrar essa pluralidade de experiências em um conceito, ou mesmo numa noção”.

A população sênior é plural. E são igualmente plurais, seus sentimentos em relação à velhice e aceitação (ou não) das mudanças e necessários apoios externos e assistência em geral.

Observar o sênior, assim como suas diferenças e semelhanças, é etapa crucial para o desenvolvimento de projetos de produtos e serviços destinados à promoção da longevidade com qualidade e pode ser beneficiada pela utilização de métodos participativos e empáticos, como os acima apresentados.

Com base neles, foi possível compreender que recursos assistivos tendem a ser incorporados mais naturalmente, quando fazem sentido para os seniores e permitem o desempenho de atividades que eles valorizam, comunicam o que eles querem comunicar, permitem que se mostrem como desejam ser vistos e não atrapalhem e causem constrangimento na prática das atividades cotidianas.

Conclui-se que métodos qualitativos participativos e empáticos desenvolvidos para, com e junto aos seniores são eficientes para conhecer suas diferentes e múltiplas demandas, vivências, ganhos, valores, desafios e, finalmente, mas não menos importante, identificar situações existentes que podem mudar para outras preferíveis, por meio do Design.

AGRADECIMENTO

Este estudo foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela PUC-Rio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-LUGHOD, L. **Veiled Sentiments: Honor and Poetry in a Bedouin Society.** Berkeley: University of California Press, 1986.

ALMEIDA, M. V. **Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade.** Lisboa: Fim do Século, 2000.

ANDRADE, V. S., PEREIRA, S. M. P. Influência da tecnologia assistiva no desempenho funcional e na qualidade de vida de idosos comunitários frágeis: uma revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.12, n.3, p.113-122, 2009.

ARIGONI, L. B. **Design e envelhecimento**: conceitos norteadores para a atuação do design em prol do envelhecimento saudável. 2017. 115 f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design.

BEAUVOIR, S. d. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos Humanos da Pessoa Com Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas. **Tecnologia Assistiva**. Brasília: CORDE, 2009.

BUTLER, R. N. **The Longevity Revolution**: The benefits and challenges of living a longlife. New York: Public Affairs, 2008.

COUTO, R.; DAMAZIO, V. Social Design. Em C. Edwards, H. Atkinson, D. Bhagat, S. Kettley, & D. a.-M. Raizman, **Bloomsbury Encyclopedia of Design**. Edited Collections, 2015.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa**: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. (2ª ed). Traduzido por Luciana de Oliveira da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Envelhecimento no Século XXI**: Celebração e Desafio. Nova York: HelpAge Internacional, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Projeções da população por sexo e idade**: Brasil e Unidades da Federação 2010-2060. 2018. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/78b962ace2419a967d57add41377397.pdf. Acesso em: nov. de 2020.

INTERNATIONAL LONGEVITY CENTER. **Envelhecimento Ativo**: Um Marco Político em Resposta à Revolução da Longevidade. Rio de Janeiro: 2015.

ROSSMAN, B. G.; RALLIS, S. F. **Learning in the Field**: An Introduction to Qualitative Research. London: Sage, 1998.

SIMON, H. **Sciences of the Artificial**. Cambridge: MIT Press, 1981.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World Report on Ageing and Health**. Geneva: WHO Print, 2015.

SOBRE OS AUTORES

Vera Damazio é Doutora em Ciências Sociais (UERJ), Mestre em Design Gráfico (*Boston University*) e Bacharel em Desenho Industrial e Comunicação Visual (PUC-Rio). Atua nos programas de Graduação e Pós-Graduação em Design. Coordenadora do Laboratório Design, Memória e Emoção (LABMEMO) e do Programa de Extensão Universitária Sênior PUC-Rio Mais 50. Atua no campo da longevidade com qualidade com ênfase no desenvolvimento de produtos e serviços para o bem-estar subjetivo do público sênior. Recebeu o Prêmio Protagonismo do Movimento Longevidade Brasil e Moção da Câmara Municipal do Rio de Janeiro pela atuação na promoção do envelhecimento saudável. vdamazio@puc-rio.br

Luiza Beck Arigoni é Doutoranda em Design (ESDI/UERJ), Mestre em Design (PUC-Rio) e Bacharel em Design (Universidade Franciscana). Integrante e colaboradora do Laboratório Design, Memória e Emoção (LABMEMO) PUC-Rio desde 2015. Integrou o chapter carioca da Aging 2.0 de 2015 a 2017. Em 2018, recebeu prêmio de melhor trabalho da área de Engenharias no Seminário Interno de Acompanhamento do Programa PCI/CNPq do Instituto Nacional de Tecnologia. luizaarigoni@hotmail.com